

ANARQUIA E ANARQUISMOS

PRÁTICAS DE LIBERDADE ENTRE HISTÓRIAS DE VIDA
(BRASIL / PORTUGAL)



Organização:
José Maria Carvalho Ferreira
João da Mata
Juniele Rabêlo de Almeida



CLÁSSICA
EDITORA



ANARQUIA E ANARQUISMOS

Organização:

José Maria Carvalho Ferreira
João da Mata
Juniele Rabêlo de Almeida

© Clássica Editora, Maio 2021

Estrada Nacional Nº 10, Polígono Industrial do Forte da Casa,
Lote B - Piso -1, Bloco 3, 2625-437 Forte da Casa

Tel. 211 066 500 **Fax** 211 066 530

E-mail editora@escolareditora.com

Internet <http://www.escolareditora.com>

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem a
autorização expressa do editor.
Todos os direitos estão reservados por Clássica Editora.

Coordenação Editorial

João Costa

ISBN: 978-972-561-433-4

Depósito Legal nº 483 078/21

Capa

Tiago Oliveira

Paginação

NAU Editora

Impressão e Acabamento

Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
--------------------	---

CULTURA LIBERTÁRIA

1- Dos equívocos existentes entre Anarquia e os Anarquismos.....	21
José Maria Carvalho Ferreira	
2- As lutas anarquistas no presente como experiências:	
contra as utopias	45
Acácio Augusto	
3- Anarquismo da vida cotidiana e subjetividades libertárias	65
João da Mata	
4- Anarquismo e Falência da Representação	81
Camila Jourdan	
5- Anarquismo, Educação e Autoformação	95
Sílvio Gallo	
6- Educação libertária: desafios e caminhos de esperança.....	107
Ana Paula Massadar Morel e Rodrigo de Almeida Ferreira	
7- Zonas libertárias: corpo e espaço sob a aura da resistência	137
André Bocchetti	
8- Sob o signo da guerra: Proudhon e as relações internacionais...	151
Thiago Rodrigues	
9- Decrescimento e Anarquia: Articulações do decrescimento	
abrupto e da reinvenção do anarquismo	187
Jorge Leandro Rosa	
10- Para a história de uma revista anarquista em Portugal	
(1974-2020).....	197
António Cândido Franco	
11- A liberdade de ser livre: poesia e anarquia	211
Manuela Parreira da Silva	

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E ANARQUIA

- 12- A prática da liberdade em discurso direto: a voz de anarquistas e libertários de todo o mundo na revista Utopia..... 239
Isabel Castro
- 13- António Pinto Quartin (1887-1970): ideário e vida..... 271
Paulo Eduardo Guimarães
- 14- Preâmbulo de e entrevista a João Freire: pensador e organizador do anarquismo em Portugal..... 295
José Maria Carvalho Ferreira
- 15- Roberto Freire, um amante anarquista 309
Gustavo Ferreira Simões
- 16- Edgar Rodrigues, memorialista do Anarquismo..... 319
Carlos Augusto Addor
- 17- Há ordem oculta – contextos empoderadores 343
Isabel Rufino
- 18- Sobre heterotopias: reflexão sobre os espaços libertários em Belo Horizonte (uma homenagem a Brian) 361
Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira
- 19- Trajetória intelectual do anarquista Jaime Cubero (1927-1998) 375
Rogério Humberto Zeferino Nascimento
- 20- História de vida e memórias das práticas de liberdade: uma puta mulher 397
Amanda Calabria e Juniele Rabêlo de Almeida
- 21- Experimentações de vida universitária e mulheres libertárias . 411
Lúcia Soares da Silva
- POSFÁCIO..... 419
José Maria Carvalho Ferreira
- SOBRE OS AUTORES..... 425

PARA A HISTÓRIA DE UMA REVISTA ANARQUISTA EM PORTUGAL (1974-2020)

António Cândido Franco

A revista *A Ideia* completará, em maio de 2024, meio século de vida. Ao longo dessas quatro décadas e meia, as que vão de 1974 a 2020, publicou 89 números e tem para sair no outono deste ano um número quádruplo (90/93). Feitas as contas, temos dois números por ano ao longo dos 46 anos de vida da publicação. Além dos números editados em papel, a revista deu ainda à estampa uma quantidade apreciável de suplementos, de brochuras, de desdobráveis, de comunicados de imprensa e outras notas impressas e até uma serigrafia do pintor Mário Botas.

Para uma noção deste volume do trabalho, deixe-se o balanço que a revista fez no momento em que passavam dez anos sobre a edição do primeiro número (n. 32-3, abril, 1984, p. 59). Aí se diz que a revista, entre 1974 e 1983, publicou 31 números (incluindo sete duplos, num total de 24 tomos), oito brochuras, 28 panfletos e desdobráveis, 25 comunicados à imprensa, um postal, um autocolante e uma serigrafia (Mário Botas). A propósito desse aniversário, a revista *A Ideia* promoveu no Teatro Vasco Santana (Feira Popular), em 29 de novembro de 1984, o espetáculo “10 Anos d’ *A Ideia*”, em que estiveram presentes cerca de cento e cinquenta pessoas. Entre a assistência, lembramo-nos de ver Mário Cesariny e Ruy Cinatti e entre os que subiram ao palco, António Macedo e Glicínia Quartim. O cartaz pertenceu a Mário Cruz; o evento teve balanço nas páginas da revista (n. 36-37, junho, 1985, p. 112).

Ao longo de quatro décadas e meia a revista apresenta por força de diferenças, tanto no plano formal como no tratamento das matérias, embora

se tenha sempre mantido fiel à sua vocação de revista libertária. Registre-se antes de mais a existência de duas séries, a primeira entre 1974 e 1991, num total de 55 números em 18 anos, e a segunda entre 2001 e o presente ano de 2020, com 37 números em 20 anos. Entre 1992 e 2000, a revista cessou a edição normal, editando apenas uma folha anual, não destinada à venda comercial, sem preço de capa, sem série e sem número, destinada, em exclusivo, a reservar o título da publicação. Não obstante, quer na primeira série quer na segunda, não se depara com qualquer homogeneidade e dentro de cada uma das séries encontram-se diferenças assinaláveis, a começar pelos subtítulos. Assim, na primeira série a revista surge em Paris com o subtítulo de *órgão anarquista específico de expressão portuguesa*, que se manterá até o número 10, primavera de 1978, num conjunto de dez números, ao longo de cinco anos. O seguinte, o décimo primeiro, outono de 1978, troca o subtítulo anterior por *revista de cultura e pensamento anarquista*, que se manterá até outubro de 1989 (n. 53), num total de 43 números, em 12 anos. No número seguinte, de maio de 1990, novo subtítulo, dessa vez *revista libertária*, que se manterá até 2012, número 70, em 17 números publicados ao longo de 23 anos. Com o número duplo de 2013 (71/72), mais uma vez se altera o subtítulo para *revista de cultura libertária*, que se mantém até hoje, no momento em que está para sair o número triplo 90/92. As folhas intercalares entre as duas séries, vindas a lume entre 1993 e 2000, não ostentam título secundário. A revista apresentou assim quatro subtítulos diferentes (1974; 1978; 1990; 2013).

Em dois casos a alteração coincidiu com a mudança de diretor, como sucedeu na passagem do número 53 para o seguinte, ano de 1990, em que Miguel Serras Pereira substituiu João Freire, e sucedeu depois em 2013 no número duplo 71/72, em que Cândido Franco, subscritor desta peça, substituiu João Freire, que desde o início da segunda série reassumira a direção; no caso que fica de fora, relativo ao outono de 1978, a mudança do título secundário não coincidiu com qualquer mexida na direção da revista, que tinha então por diretor Carlos Abreu. Abreu assumira a responsabilidade legal da revista em fevereiro de 1976 (n. 4) e permaneceu na função até junho de 1980 (n. 17). A fundação, em Paris, pertenceu a João Freire e a primeira direção portuguesa, no terceiro número, a João Oliveira; antes, em Paris, nos dois primeiros, a revista teve apenas um responsável editorial (Germain Parès); Freire, o fundador, assumiu a direção no outono de 1980 (n. 18-19), abandonando-a em 1990, dando lugar a Serras Pereira, para de

novo regressar em 2001 e de novo a abandonar em 2013. As folhas anuais, dadas a lume no final do século passado e que salvaguardaram o título, tiveram também a direção de João Freire.

A essas flutuações juntam-se as modificações de formato. A revista começou por ser um desdobrável militante publicado em Paris e evoluiu depois, ainda em França, no final de 1974 (n. 2), para um caderno agrafado, de capa cartonada, a uma cor, montagem e composição artesanais, ilustrações curtas, pouco mais que as fotografias dos biografados. Os meios de difusão eram parcos e a circulação circunscrevia-se às assinaturas e à divulgação militante. Essa primeira fase, a coincidir sobretudo com a direção de Carlos Abreu, durou até 1980 (n. 18/19), momento em que Freire assumiu a responsabilidade da revista; com o número duplo de 1980, as alterações gráficas foram grandes. A publicação, sem tocar nas dimensões, abandonou a confecção manual, ganhando volume e composição profissional. A revista, até as mudanças de 1980, apresentava em média cerca de três dezenas de páginas – chegou a ser uma brochura de 26 páginas (n. 9) – e depois delas passou sempre da centena, chegando mesmo à centena e meia com o número duplo de dezembro de 1982 (n. 26/27). Na nova fase, o regime de distribuição da revista não se alterou muito em relação ao anterior, se bem que o número de assinantes, a par dos colaboradores, se alargasse. Sobre a tiragem encontramos informação em abril de 1982 (n.º24/25, p. 116), apontando para uma tiragem de mil exemplares, superior, ou bastante superior, à anterior.

A nova fórmula, aprofundada ao longo de dez números, o último duplo, em maio de 1983 (n. 28/29), chegou a termo com o duplo de outubro de 1983 (n. 30/31), voltando a revista a sofrer nova reviravolta gráfica. Troca-se o formato clássico por um maior, introduzem-se mais imagens, cuida-se da composição, alivia-se a mancha, apresenta-se uma revista muito extremada do ponto de vista artístico. Essas modificações, que durarão até outubro de 1985 (n. 38/39), são acompanhadas por outras. Começando de início por ter apenas um responsável, e ganhando na primavera de 1981 (n. 20/21) um *coletivo coordenador*, colaboradores e correspondentes, passou a ter, com a nova fórmula, editores, colaboradores, correspondentes, coordenadores de número e até um responsável gráfico (Vasco Rosa), num total que subiu a cerca de vinte pessoas. Nessa época, a revista alargou a audiência, duplicou ou triplicou a tiragem, ganhou distribuição livreira, captou novos assinantes e colaboradores, como Fiama Hasse Pais Brandão

e Mário Cesariny, que publicou inéditos seus, de António Maria Lisboa e de Fernando Alves dos Santos. A cooperativa editora Sementeira, surgida em 1977, em associação com a revista, desenvolve nessa época parte da sua atividade, chegando a 1985 com cerca de uma dezena de livros e várias brochuras em catálogo; a partir do número duplo de inverno e primavera de 1984 (n. 32/33), a cooperativa passou a ser expressamente a entidade gestora e editora da revista.

O novo modelo, que se estabilizou com um conselho de redação e um leque alargado de colaboradores permanentes, durou até o número duplo de junho de 1986 (n. 40/41), momento em que se dá nova alteração gráfica, por abandono da tipografia em que a revista, desde 1975, era impressa, isto com um curto interregno (n. 5, 1976), a Gráfica 2000, na Cruz Quebrada. Os meios da nova gráfica, a empresa Ramos, Afonso & Moita, na velha rua Voz do Operário, ao bairro da Graça, sem fotocomposição, condicionaram o formato, que diminuiu, e obrigaram a mudanças na mancha, com um texto limpo de ilustrações, sem com isso deixar cair o cuidado artístico anterior. Apesar das alterações de forma, a revista permanece no essencial a mesma. O conselho de redação pouco se alterou, os colaboradores ficaram quase os mesmos, a distribuição livreira continuou; de igual modo prosseguiu a ligação à cooperativa Sementeira. Uma alteração apenas: a partir do número 50 a revista passou a ser *edição patrocinada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura*, apoio que durou até a saída de Freire da direção. Os números dirigidos por Miguel Serras Pereira, salvante o patrocínio, que desaparece, não introduziram quaisquer alterações formais.

Chegou depois disso o período intercalar, quer dizer, o fim da primeira série, em que a revista suspendeu a publicação. Nesse intervalo apenas se editaram os *números* simbólicos para assegurar a posse do título. A cooperativa Sementeira, responsável anterior pela edição, é dissolvida em outubro de 1992. Quando se dá o regresso, em 2001 (n. 56), e o início da segunda série, a fórmula adotada será por força diferente. Em lugar dum conselho de redação, ajudado por um grupo de colaboradores e de correspondentes, surge apenas um responsável, João Freire, que se assume como editor e administrador da revista. A par dessas, outras modificações têm lugar. A revista ajusta o formato, perde a periodicidade, diminui o volume (o n. 56 tem 34 p.), deixa a distribuição livreira e baixa a tiragem para 300 (n. 56) ou mesmo 200 (n. 70) exemplares.

em Inglaterra (sobre esta há resenha bibliográfica n' *A Ideia*, n. 26/27, dezembro de 1982). Nomes como Paul Goodman, Colin Ward, Murray Bookchin, Howard J. Erlich, John Mc Ewan, Ronald Creagh, Nico Berti, chegaram, ou quase, à língua portuguesa por causa d' *A Ideia* e porventura sem ela ficariam mais longe do público português. Este possante trabalho teve um rosto, João Freire, fundador da revista e seu animador de sempre, isto sem menosprezar o contributo dum vasto grupo de pessoas, a começar pela cooperativa Sementeira, adjuvada pelo embrionário Círculo de Estudos Neno Vasco, fruto do mesmo esforço e que, se não deu outros resultados, veio a ser um dos esteios do Arquivo Histórico-Social, na BNP, onde se reúne hoje o mais rico acervo relativo ao anarcossindicalismo português e donde há pouco saiu o projeto MOSCA.

A Ideia não foi porém uma revista apenas de ideias, isto por muito que se tenha empenhado em divulgar, em investigar, em estudar e em atualizar uma tradição reconhecível de pensamento. Foi também uma revista voltada para a criação poética e pictórica, em que encontrou uma manifestação natural do seu gênio próprio. Em tal campo, que muito cresceu após as mudanças de 1980, a revista reúne um vasto número de colaborações, de Cesariny a Fiama, de Cinatti a João Rui de Sousa, de Nuno Júdice a Nunes da Rocha, de Cruzeiro Seixas a Mário Botas, de Luis Manuel Gaspar a Duarte Belo, que nada devem ao que de melhor nesse domínio entre nós se publicou na mesma época e que bastam para a justificar como uma publicação que é justo assinalar nas últimas décadas em Portugal.¹

¹ Fontes: coleção da revista *A Ideia* (1974-2020), mais brochuras, declarações e notas de imprensa, consultável no Arquivo Histórico-Social da BNP [seção Espólios].

© NAU Editora
Rua Nova Jerusalém, 320
CEP: 21042-235 - Rio de Janeiro (RJ)
Tel.: (21) 3546-2838
www.naueditora.com.br
contato@naueditora.com.br

Coordenação editorial:

Simone Rodrigues

Revisão de textos:

Miro Figueiredo
Ana Paula Meirelles

Projeto gráfico e editoração:

Jean Carlos Barbaro
Estúdio Arteônica

Capa

sogno

Conselho editorial:

Alessandro Bandeira Duarte (UFRRJ)
Claudia Saldanha (Paço Imperial)
Eduardo Ponte Brandão (UCAM)
Francisco Portugal (UFRJ)
Ivana Stolze Lima (Casa de Rui Barbosa)
Maria Cristina Louro Berbara (UERJ)
Pedro Hussak (UFRRJ)
Rita Marisa Ribes Pereira (UERJ)
Roberta Barros (UCAM)
Vladimir Menezes Vieira (UFF)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

F383a Ferreira, José Maria Carvalho (org.)

Anarquia e anarquismos: Prática de liberdade entre histórias de vida (Brasil/Portugal)/
Organizadores: José Maria Carvalho Ferreira, João da Mata e Juniele Rabêlo de Almeida. - 1. ed. - Rio de
Janeiro : NAU Editora, 2021.
432 p.; 15,5 x 23 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-87079-20-2

1. Anarquia. 2. Anarquismos. 3. Autogestão. 4. Autonomia. 5. Liberdade. 6. Práticas Libertárias.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 320.57
CDU 329.285